

“REFLEXÃO” E “AÇÃO” NA FILOSOFIA DE SIMONE WEIL

Eliana Chaves Freitas Barbosa

Formada em Filosofia pela

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Autora dos livros: "Simplesmente, Viver!" e "A Força do Vento"

Entre os maiores pensadores do século XX encontra-se a filósofa e escritora mística Simone Weil (1909-1943), uma das intelectuais mais brilhantes do mundo ocidental, formada em filosofia pela conceituada Universidade Sorbonne de Paris. Trata-se de uma jovem professora judia, militante pacifista, filósofa pertencente à classe dos nobres e abastados franceses. Sem dúvida, uma pensadora emblemática, “*sui generis*”, que fora profundamente tocada pela compaixão.

A intrigante e fascinante pensadora teve uma passagem meteórica pela vida terrena e caracterizou-se inclassificável por seus múltiplos e peculiares comportamentos, por ser uma filósofa de ação. Diferenciada dos demais filósofos, se dispôs a agir, fazendo um esforço brutal para vivenciar e analisar pessoalmente as condições dos fenômenos que observava, resultando daí muitas reflexões e conclusões sustentadas não apenas na abstração do pensamento, mas, sobretudo, em sua rica experiência pessoal.

As considerações sobre a dicotomia na seara filosófica entre reflexão e ação, bem como a trajetória de vida de Simone Weil até sua habilitação como docente de filosofia, são considerações oportunas e essenciais. O itinerário percorrido por essa notável judia que lutou na Guerra Civil Espanhola, participou ativamente da Resistência Francesa, em Londres, durante a Segunda Guerra Mundial e depois se converteu à fé cristã, nos chama a atenção por suas constantes atenções e ações para com os problemas humanos, principalmente as lutas e seu envolvimento direto com as mazelas da classe operária.

Simone trabalhou por mais de um ano como operária no chão da fábrica da Renault, com o único intuito de conhecer de perto e sentir na pele as fadigas e dores da classe operária. Ao vivenciar as condições de aguda exploração pode refletir e escrever com propriedade sobre as lutas da escravidão fabril. Sua vida inteira foi de reflexão, ação e constante desprendimento do “eu”.

Sem a pretensão de esgotar todos os aspectos que poderiam ser abordados na relação “Reflexão” e “Ação” em Simone Weil, limitamos a tratar aqui dessa não-dicotomia, em especial na formação específica dessa importante pensadora que se enveredou por meio das vivências e lutas dos menos favorecidos e concretamente agiu dentro e fora das salas de aula e dos gabinetes dos grandes pensadores.

A Reflexão e Ação na filosofia de Simone Weil de antemão obriga-nos a traçar algumas considerações sobre as capacidades humanas expressas pelos termos Reflexão e Ação, onde entre os gregos essa dicotomia expressava-se por meio da relação entre *práxis* e *theoria*. Para melhor ilustrar e esclarecer essa dicotomia, valho-me de uma famosa alegoria de Pitágoras (século V a.C.), ao afirmar que, “*imerso em um teatro, ou se participa dos jogos (ação), ou se observam os jogos*”. Nessa afirmação pitagórica, ação e reflexão são excludentes, pois quando se age nosso corpo se envolve na necessidade da ação canalizando todos os seus esforços físicos naquele ato e dessa forma o raciocínio fica comprometido pela ação.

Se verdadeira essa afirmação de Pitágoras - de que a percepção do todo fica comprometida para aquele que se entrega e canaliza seus esforços na ação - então a reflexão filosófica atuaria somente no campo da abstração, no distanciamento do ato, afastando o filósofo de qualquer participação efetiva nos objetos do estudo, com o intuito de se ter uma visão ampla do observado, para se atingir a concentração e conseguir direcionar todos os seus esforços na elaboração de uma teoria coerente de entendimento, explicação e identificação das causas dos fenômenos investigados, papel este, reservado à filosofia.

O estudo da vida e obra de Simone Weil deixou uma profunda inquietação, em particular sobre a dicotomia entre “reflexão” e “ação”, aqui voltada para a filosofia, por isso sou tentada a estender esta questão lançando aqui alguns questionamentos para nossa futura constatação: Qual é a relação possível entre reflexão e ação em Simone Weil? Pode-se aceitar como absolutamente verdadeiro os conceitos emitidos por um pensador que constrói o seu saber pelo estudo e contemplação, fruto apenas de sua reflexão e consequentemente sem uma vivência prática do objeto estudado? Será que tomar parte nos procedimentos da ação compromete-se de fato o reflexo e a percepção de todos os quadrantes do olhar daquele que age? Será que o fato de um filósofo não viver apartado da ação não o torna mais gabaritado para falar o que fala justamente por ter a vivência adquirida através da própria experiência? O conhecimento daquele que tem aplicação prática ao unir a ação ao pensamento é muito mais completo do que daquele que somente reflete ou é similar e apenas diferente? De que maneira a filósofa Simone Weil encontrou para unir pensamento e ação e de que modo essa atitude contribuiu para os registros feitos em suas obras. Como se deu a sua aplicação prática e como a sua prática foi responsável pela veracidade e o quanto contribuiu para a execução de suas obras?

Simone Weil é uma jovem pensadora generosa cuja vida emociona e assusta. Para alguns, uma filósofa excêntrica, uma revolucionária, uma anarquista, uma militante aventureira, uma guerrilheira. Mas, para outros, é um verdadeiro exemplo de vida, uma modelo a ser seguida, uma filósofa admirável, um ícone, uma operária, uma santa, uma mulher representativa que foge aos padrões normais para ser alguém livre, atenta, ativa, abnegada e arrebatadora.

Para ela o pensamento deveria estar sempre atrelado à entrega e à ação. Com ela foi assim, sua reflexão intelectual sempre esteve unida à solidariedade e à sua atuação. Dessa forma a espiritualidade e o sofrimento marcam sua vida e a elevam para um patamar inimaginável, pois seus padrões e modelos vão muito além dos livros e manuais bíblicos. Continuamente se despoja de si mesma e com seus exemplos e lutas abre nossos olhos e

nos convoca para conhecermos de perto o que venha a ser realmente a justiça, equidade e dignidade humana.

Em Simone Weil doação, espiritualidade, reflexão e ação se fundem e a elevam. Ela doou o seu tempo para os mais simples e menos letrados ao se esquecer de si mesma para ir ao encontro do outro, para dividir seu pão com quem estava faminto.

Quando Hélène Honnorat, amiga de Simone, percebeu que ela “desperdiçava” os anos de sua juventude nos mais duros trabalhos, lhe perguntou: *“Mas afinal, Simone, por que faz isso, com aquilo que traz em você, com aquilo que você tem a dizer? – ela responde: - Há coisas que eu não teria podido dizer se eu não tivesse feito isso”*.

Sim, certamente Simone tinha muito a dizer. Ela experienciou para poder nos contar. De todos os modos era simples e verdadeira demais, praticou grandiosos gestos humanitários e viveu em busca da verdade. Embora não tenha sido batizada na Igreja católica por se considerar indigna dos sacramentos, se tornou uma verdadeira cristã de alma ao privar-se da calefação, da cama macia e da mesa farta, em solidariedade aos que não as tinham. Sem dúvida, possuía uma forte compulsão para abraçar a dor do outro, ajudar os mais fracos e se compadecer dos oprimidos. Ela se sacrificou para salvar outras vidas. Que outra definição poderia haver da santidade senão essa?

A filósofa tem sempre a atenção e os olhos direcionados para onde há humildade e servidão. Ela causou grande impacto por sua empatia e dedicação para tentar curar de alguma forma a dor alheia, constantemente deixando de lado a si própria para se solidarizar com eles, servindo de inspiração não só para cristãos como também para ateus europeus.

Simone Weil era forte no pensamento e na ação. Ela se agigantava para defender os menos favorecidos e, de outro modo, talvez tenha sido uma freira, uma camponesa, uma operária às avessas, uma revolucionária de posicionamentos sólidos, uma verdade que se preocupava com os problemas sociais humanos. Passou por este mundo com a mesma rapidez de um meteoro. Igualmente fulgurante, igualmente intrigante, igualmente

apressada, igualmente apaixonante, porém, infelizmente, passou rápido demais. Viveu por apenas trinta e quatro anos. Tudo nela era urgente. Absolutamente, tudo. De ideias e ideais nobres, extremamente altruístas, se entregou e lutou pela causa dos mais humildes e viveu para desdobrar-se em atenção e buscar a verdade, colocando em prática o que sempre celebrava. Durante sua curta existência demonstrou grande inclinação ao serviço e ao amor incondicional pelos oprimidos e necessitados. Em tão poucos anos de vida Simone Weil conseguiu ser muitas; conciliou pensamento filosófico e ação, conciliou a nobre profissão do magistério com o ativismo político, conciliou a vida simples no campo com o frio e extenuante trabalho no chão das fábricas.

Até os seus últimos instantes de vida, essa notável pensadora insistiu em dividir seu pão e morreu protestando, em greve de fome, contra as condições em que eram mantidos os prisioneiros de guerra na França ocupada. Conscientizarmo-nos das lutas e questões humanitárias de Simone Weil, conhecermos a trajetória dessa profunda pensadora é reavivá-la, é torná-la inesquecível para sempre.

Depois de sua morte precoce em 1943, o filósofo Albert Camus (1913-1960) também editou e prefaciou várias obras de Simone Weil. Em 1957, antes de viajar para Estocolmo para receber o seu prêmio Nobel de Literatura, Camus pediu permissão à senhora Selma, mãe de Simone, para passar um dia no quarto que havia sido dela, alegando que queria apenas ficar meditando nos aposentos de Simone, refletindo e absorvendo a energia da pensadora de gestos nobres, de contínuo servir e de um despojar-se constante, que ele realmente muito admirava.

Como pode ser verificado, tanto a vida como a obra weiliana parece desmentir categoricamente a famosa alegoria de Pitágoras (século V a.C.) de que, “*imerso em um teatro, ou se participa dos jogos (ação), ou se observam os jogos*”. Nessa afirmação pitagórica, ação e reflexão são excludentes, pois quando se age o corpo se envolve na necessidade da ação canalizando todos os seus esforços físicos naquele ato e dessa forma o raciocínio fica comprometido pela ação. No entanto, em muitas situações Simone Weil procedeu de forma determinada se envolvendo pessoalmente nos fatos e,

simultaneamente, elaborando as suas reflexões; em outras, ela primeiro refletiu e depois foi confirmá-las vivenciando os fatos por ela observados, para ela, filosofia e os eventos da vida cotidiana existem simultaneamente e, por isso mesmo travam entre si uma relação de simbiose, onde uma não pode viver sem o outro.

A despeito de ter vivido apenas trinta e quatro anos Simone Weil nos deixou um grande legado de amor e entrega ao próximo. Ao unir seu pensamento filosófico às suas ações, fazia qualquer vontade sua se tornar real, mostrando-nos que para ela o “difícil” não existia, principalmente quando magistralmente uniu reflexão e ação, provando-nos que filosofia e vida cotidiana coexistem, que podem e devem caminhar sempre juntas.

Trechos da Tese de Conclusão de Curso de Graduação em Filosofia, de **Eliana Chaves Freitas Barbosa**, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de SP, em 2018.